

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Isaura Jesus

registada em 2009-02-03
por

Cláudia Simões e Carla Aguiar

Isaura Jesus

Isaura de Jesus nasceu a 10 de Novembro de 1925 na Benfeita. Filha de Maria da Assunção Jesus e José Francisco da Cruz, ambos trabalhadores do campo. Era a mais velha de seis irmãos. Da casa de infância recorda que “era pequenina só em pedras e xisto”. Lembra também das músicas que cantava na praça e “ninguém dormia porque a gente não deixava. Cantávamos ranchinhos, cantadinhos. Cantávamos por aí no campo.” Conheceu o marido “porque ele era empregado lá numa fábrica ao lado da casa da minha madrinha onde a gente estava”. Casou em 10 de Fevereiro de 1947, na igreja do Lumiar e levava um vestido de seda às flores e uma coroa. Trabalhou no campo e com 20 anos foi para Lisboa, para casa da madrinha. Trabalhou numa cerâmica. Reformou-se e regressou à Benfeita com o marido.

Índice

Identificação Isaura de Jesus.....	4
Ascendência Maria da Assunção e José Francisco.....	4
Casa Saudades das camas de palha.....	5
Infância Uma infância sempre a cantar.....	5
Educação "No nosso tempo era uma pedra".....	7
Namoro "Tinha medo de casar".....	7
Casamento Um casamento simples.....	8
Descendência "Quando ele foi para a escola ele já sabia as letras todas".....	9
Percurso profissional Desde os 10 anos a trabalhar.....	10
Costumes Festas, música e trabalho.....	11
Lugar Espaços encantados.....	21
Quotidiano "Agora só cultivos os bocadinhos".....	25
Sonhos "Os sonhos eram quando era nova".....	25

Identificação *Isaura de Jesus*



Isaura de Jesus (1968)

O meu nome completo é só Isaura de Jesus. Antigamente era assim, uns tinham pai outros não tinham, uns tinham mãe outros não tinham. O registo de antigamente era assim. Nasci a 10 de Novembro de 1925. Aqui na Benfeita. Se perguntarem a algumas da minha idade ou mais velhas, não lhe dizem isso. Eu sei que nasci ao dia 10 de Novembro de 1925 e casei o dia 10 de Fevereiro de 1947.

Ascendência *Maria da Assunção e José Francisco*

A minha mãe era Maria de Assunção Jesus. O meu pai era José Francisco da Cruz.

Eles trabalhavam no campo, coitados! A vida do campo ainda é hoje, mais ou menos, semear, colher, mas agora já não há é quem a faça e nesse tempo era do que se vivia. Eu quando fui para Lisboa com 20 anos, ainda ganhava aqui 4 escudos de sol a sol. Antigamente as batatas, a gente só lhe punha os esterquito e a borralha. Agora põe-se adubo nas sementeiras. Tem que se pôr pó nos sótãos porque as borboletas estragam as batatas. Antigamente não era nada disso. Agora a gente o que come já vem falsificado. É muito diferente, muito diferente. Isso é verdade. Tinham ovelhas, cabras, galinhas, coelhos, esses animais. Vacas e bois

claro que não, mas tínhamos esses animais, tinha-se tudo. Era o campo, a vida do campo. Foi assim a vida, mas tudo ficou com saúde e agora está tudo podre.

Éramos seis irmãos, já morreram três, estamos outras três vivas. Eu sou a mais velha. Morreram três, o mais novo e os dois do meio. Dois rapazes e uma mulher.

Casa Saudades das camas de palha

A casa era pequenina só em pedras e xisto. Só tinha um andar de cima e por baixo, antigamente eles chamavam uma loja, mas não era. Aquilo depois foi assoalhado. Era um outro andar, um rés-do-chão e aí então é que se fizeram os quartos para a gente. Fez-se um quarto grande para as raparigas e outro para os rapazes. Cada um tinha os seus quartos. Era assim, tínhamos duas camas ou três, daquelas pequenas, onde a gente podia dormir, claro. Mas tudo se criou. Em cima era só o quarto dos meus pais.

Havia aquelas, chamavam lareiras fundas. A gente sentava-se à beira e ali estava ao lume. Chamavam-se as lareiras. A lareira antiga era assim. Os comeres faziam-se nas panelas de ferro. Tenho dito isto muita vez, era muito mais gostoso o comer feito nas panelas de ferro do que é agora. É verdade.

Eu hoje tenho tudo, o meu filho não me deixa faltar, mas tenho saudades dos tempos que eu me deitava naquelas camas de palha. Conforme me deitava, de manhã acordava e agora ando sempre aos tombos com camas boas. Eu sei que passei muito e não fui só eu, nesse tempo era a vida, mas tenho saudades desse tempo.

Infância Uma infância sempre a cantar

"Ninguém dormia porque a gente não deixava"

A gente, éramos nove raparigas. Andávamos a acartar madeira. Era aquelas travessas para a linha do comboio. A gente levantava-se de noite, de Verão. Levantávamo-nos aí à volta das duas horas, uma hora, e íamos para o pinhal. Há um larguinho, que chamam a praça, onde a gente cantava e o povo todo acordava. Depois íamos para o pinhal e acartávamos alguns carregos para o caminho. Pelo calor estávamos em casa e depois íamos outra vez buscar aqueles carregos que estavam lá. Ninguém dormia porque a gente não deixava. A gente cantava assim:

*Já rompe a aurora sobre a madrugada
Lindas flores vamos apanhar
O nosso rancho tem um primor
Lindos amores para comparar
O Sol raia sobre as flores
A lua brilha sem ter rival
Cantamos todos com alegria
Como este dia não há igual.*

Tudo acordava. A gente cantávamos isto mesmo no centro da terra, na praça. Tudo acordava. Ainda no outro dia estava assim uma a dizer:

- "Ai credo, fizeram aqui um barulho na praça. Não conseguia dormir."

Digo assim:

- Foi pena não vir no meu tempo, que olhe que nesse tempo dormia-se bem.

A gente não deixava dormir. Oh, deixavas! Mas é o que eu digo, era uma vida de escravos, má, mas havia saúde, havia alegria. A gente conforme amanhecia, anoitecia.

Cantávamos ranchinhos, cantadinhos. Cantávamos por aí no campo. Era a sachar, a regar... Cantávamos umas de um lado e outras de outro. Havia muita gente. Ainda me recorda. Deles todos não, mas recorda-me ainda muitos. Há quantos anos que eu não digo isto, que eu não canto. Porque a gente cantava. Era assim:

*Ó violeta formosa, florida no jardim
Só espero de me ver bem um dia ao pé de ti.
Desfolhei um malmequer só para ver se tu me amavas,
Por fim acabei de ver nem sequer em mim pensavas.
Uma camélia vaidosa movida pelo ciúme
Abraçou-se a uma rosa para lhe roubar o perfume.
Ó Bela vem à janela vem ver o céu estrelado
Deixa o sono que te prende vem ouvir cantar o fado.
Ó Bela vem à janela, se não queres vem ao balcão
Vem ouvir as pancadinhas que dá o meu coração.*

Isto eram os rapazes às raparigas. Devia ter aí uns 17, 18, quando eu andava no rancho. A gente ensaiava para o rancho em qualquer lado. Chegámos a ter dois despiques. Um baile no outeiro e um baile no fundo. Havia um rancho no outeiro e outro no fundo. A gente vinha do trabalho ia para os ensaios. Agora uma pessoa está velha, não se pode mexer, não pode fazer nada. Os tempos que já lá vão.

"Havia muitos que coitadinhos nem tinham nada"

Alguns nem tinham nada para brincar, coitadinhos. Eu ainda me lembra e nunca me esquece enquanto viver. O meu primeiro brinquedo foi uma boneca de trapos que a minha mãe me fez, com um bocado daquelas, chamam as moitas do campo, do mato. Ela pôs umas pernas daquelas e foi a primeira. Antigamente onde é que havia para brinquedos? A maior coisa que tinha pena, não é que o meu filho não tivesse, ele tinha, o que é coitado a gente comprava o que podia comprar, mais barato. Era assim um autocarrinho, assim umas coisas para eles brincarem. Havia muitos que coitadinhos nem tinham nada. A vida está má, mas naquele tempo... Não sei já qual era a pior.

Educação *"No nosso tempo era uma pedra"*

Cá havia duas escolas. Eu fui, mas tive que ir com 10 anos trabalhar, para comer. Antigamente havia a primeira e a primeira adiantada. Depois passava-se para a segunda ainda. Havia essa entre a segunda e a primeira. Eu só cheguei à primeira adiantada.

A vida na escola antigamente... Agora escreve-se até nos computadores. Antes foi nos cadernos e no nosso tempo era uma pedra. Tínhamos uma pedra com uns coisinhos. Era própria, onde a gente escrevia os números, as coisas, pronto era ali que a gente escrevia.

Namoro *"Tinha medo de casar"*

Conheci o meu marido, porque ele era empregado lá numa fábrica ao lado da casa da minha madrinha onde a gente estava. O meu marido era de Leiria. A casa da minha madrinha era uma casa de comidas e uma casa de flores. Tinha os jogos da laranjinha e a gente punha-se ali. São uns jogos que jogavam. Tinha uma bolinha pequenina e depois jogavam a bola, batia numas coisinhas e lá metiam no sítio. Era o jogo deles. Era com o que eles mais se entretinham. A minha madrinha era de uma qualidade que se não houvesse um para jogar com o outro, jogava ela.

Antigamente os namorados não era como agora. Nem de braço dado, nem um beijo. Mesmo que eu namorasse e que os meus pais soubessem, a gente ia ao lado um do outro. E mais nada. Antigamente não era como agora. Oh, oh. Foi um namoro como todos os outros. Ele andava a trabalhar e eu também estava

a trabalhar. Eu até tinha medo do casamento. Tinha medo de casar. Não estava habituada. Algumas andam hoje com um e amanhã aí com outro. Eu nunca tinha tido ninguém, mas nunca me arrependi porque ele era muito boa pessoa. Nunca tive razão de queixa.

Casamento *Um casamento simples*



Casamento de Isaura de Jesus (Igreja do Lumiar, Lisboa, 10 de Fevereiro de 1947)

Casei o dia 10 de Fevereiro de 1947. Na Igreja do Lumiar. Íamos vestidos eu de noiva e ele de noivo. Ia vestido de preto, de fato preto. Eu era de seda às flores, ou lá o que era aquilo. Lembro-me lá disso. Era muito bonito até. E aquela coroa também. A coroa não era minha. Era lá de umas pessoas que uma madrinha conhecia. Nesse tempo aquela coroa veio da Alemanha. Aquela coroa não era vista. É verdade. Não havia nesse tempo. O resto era meu, mas a coroa não. Era

daquelas pessoas. E por isso elas deram a volta comigo para verem aquela coroa porque cá em Portugal não havia nesse tempo. E por acaso até é muito bonita.

Foi o casamento e depois houve o almoço. Foi só um almoço em casa da minha madrinha. A casa era grande, não era só o estabelecimento. Havia pouca gente. Só a gente conhecida, de famílias, assim. Foi um casamento. Não foi como o da minha neta, claro. O da minha neta levava 200 e tal pessoas.

Depois, fiquei lá em Lisboa. Tinha a minha casa, depois fui morar para o Olival Basto. Lá é que o meu filho se criou.

O meu marido veio comigo, também já vinha reformado. Foi quando o meu filho já estava com a vida dele. Enquanto ele estudou não podia ser.

Descendência "Quando ele foi para a escola ele já sabia as letras todas"

Quando o meu filho entrou para a escola eu tive que o meter numa escola particular para eu ir trabalhar. A professora dele era açoriana. Era da Ilha do Pico. Uma grande professora. Ele quando se despediu dela também lhe escreveu um postal, com uma fotografia dele por trás e dizia assim:

- "Adeus minha boa professora"

Era muito boa professora. Mas quando ele foi para a escola ele já sabia as letras todas e já contava até 100. Ela dizia-me assim:

- "Quem é que ensinou o Farto?"

Eu digo assim:

- Ó senhora professora, então fui eu. Eu tenho tantos estudos.

Ela ria-se comigo que eu sou sempre assim amiga de reinar. E depois ela disse:

- "Parece que não, mas é um grande adiantamento."

Porque conhecia as letras todas, os números todos. Já era um grande adiantamento. Nunca perdeu um ano, nunca perdeu uma disciplina, nunca perdeu nada.

Ele gosta muito de cá vir e eu gosto muito dele. O meu marido foi sempre querido como o filho é. Ele vem muita vez, mas vem hoje e vai amanhã. E mesmo ele diz:

- "Eu vou para estar com a minha mãe."

Às vezes dizem:

- "Ai o doutor Farto tão simples que ele é."

E ele é assim:

- "Ó mãe farto de andar vestido a rigor ando eu lá no meu trabalho."

Ele é professor. Ainda há pouco tempo veio de Angola. Vai para Angola, Moçambique, Cabo Verde. Gostou muito de Cabo Verde. Tinha lá muitos alunos. Vai para o Brasil, vai a muitos lados.

Percurso profissional *Desde os 10 anos a trabalhar*

"Fui ganhar 10 tostões por dia"

O meu trabalho foi no campo. Era cavar, lavrar, sachar e regar. Eu tinha 10 anos quando fui ganhar 10 tostões por dia para um aumento que saiu no cemitério. Tinha 10 anos quando fui para lá e depois claro, fui crescendo, foi essa a minha vida. Depois era andar à madeira, acartar madeira à cabeça para aqui para as estradas, para os carros carregarem para levar. Às cavacas, à lenha. Pronto, foi essa vida sempre até ao fim.

"As máquinas eram os nossos braços"

Quando foi aos 20 anos a minha madrinha levou-me para Lisboa. Depois só estive um ano e meio ou dois solteira, casei tinha feito 22. Então estive lá na casa dela, depois casei lá na igreja do Lumiar.

Primeiro estive com a minha madrinha e depois de casar tive a minha casa, depois tive o meu filho. O meu filho nasceu em 1950 e depois fui trabalhar, claro. Não era só com o ordenado do meu marido nesse tempo que se vivia. Então depois fui trabalhar para uma fábrica, que ainda hoje sou reformada de lá, de fazer os mosaicos do chão. Aqueles mosaicos às cores, aos quadrados. Era uma cerâmica. Fui para lá trabalhar. Tenho um mal, foi daquela força que se faz nas fábricas, a pegar e a apertar. Agora as fábricas são todas ao poder de máquinas, mas antigamente as máquinas eram os nossos braços, era a gente. Eu trabalhava com uma forma. A forma vazia pesava 45 quilos, mas depois a gente fazia aqueles coisos do chão daqueles que têm os desenhos vermelhos e brancos. Tinha que se pôr um separador e dentro daquele separador a gente punha num quadradinho a tinta tal, noutra quadradinho a tinta tal, era assim. Tinham que se fazer uns tantos. Se fosse dos lisos tinham que se fazer outros tantos. Depois de estarem feitos, antes de estarem colocadas as tintas, ia a uma prensa e a prensa era apertada a 300 quilos. Depois tirava-se aquilo, tirava-se os mosaicos, punha-se nas grades e depois as grades, pegava-se com 12 mosaicos iam para o banho, que é o banho do brilho que têm esses mosaicos do chão.

Fui trabalhar e estive lá até 45 anos. Mas também digo, era quando Lisboa era Lisboa. Agora já não é. Agora aquilo é um inferno. O meu filho diz-me assim:

- "Ó Isaura podias ir lá passar o Inverno."

- Não. Deixa-me estar aqui que aqui estou mais sossegada. Deixa lá estar os carros e os fumos e deixa-me aqui estar que eu estou aqui melhor nesta idade.

E eu também não me dou nos carros. Sinto-me muito mal.

- Deixa-me cá estar e tu vens cá quando puderes.

Ele vem cá muita vez.

Depois fui reformada ainda cedo com 45 ou 48 anos por causa da minha doença, porque não podia dos ossos. Não podia pegar nas coisas. Ainda estive lá e depois vim para a Benfeita mais o meu marido.

Depois o meu filho formou-se, foi fazer o doutoramento e eu vim para aqui e tenho cá estado. Ainda cultivei as minhas terras que agora estão silvas, claro, mas agora já há muito tempo que não faço nada porque tenho um mal nos ossos.

Costumes Festas, música e trabalho

"Antigamente tudo se comia"

Nestas terras comia-se o que havia. Batatas, feijões, arroz, massa. A mesma coisa que se come agora. Sardinhas, andavam as sardinheiras por aí pelas ruas a apregoar. Era mais a sardinha.

Nesse tempo matava-se muitos porcos. Quase toda a gente tinha um porco e matava. Agora é o talho, mas antigamente as pessoas criavam os porcos, matavam e tinham. Sim, porque um porco dá que comer. Aquilo que é toucinho, eu agora até me agonio quando falo nele, é aquela carne branca. Aquela que é toda branca, chama-se toucinho. Isso antigamente tudo se comia. Agora já não. Agora já ninguém come toucinho. Era uma vida diferente. Tinha que se aproveitar e se comer tudo. E havia saúde e agora não a há.

Quem matava dizia aqui, ou além, ou à outra:

- "Olha vai-me lá ajudar a segurar o porco."

Deitavam-no em cima de uma bancada e ia o matador, matava o porco e sangrava-o. Depois de sangrado, primeiro chamuscavam-no para lhe tirar aquilo tudo. Estava até à tarde e depois era desmanchado. Eles faziam das carnes do porco o que queriam. Faziam os enchidos, faziam as febras, arranjavam. Faziam muitas carnes e mais chouriços. No lugar de fazerem menos, faziam mais, porque aquelas carnes depois estragavam-se. Tinha que fazer. Eles não deixavam estragar nada, ou punham em frigoríficos, ou secavam os presuntos.

"Eu sempre gostei e gosto muito de lavar à mão"

Lavavam as roupas nas ribeiras. E era bom. A água estava sempre a correr ninguém sabia se iam sujas. Agora já não, porque quase tudo tem máquinas. Eu também tenho uma, mas acho que ela até está estragada. Até está na loja. Eu sempre gostei e gosto muito de lavar à mão. Gosto muito, mas já não posso lavar. Agora não lavo, vai para o centro. Nem lençóis, nem nada disso. Mas umas coisinhas lavo sempre. Gosto tanto de lavar.

Agora também se usa sabão. Eu também uso, quando quero também tenho sabão, mas sempre há o OMO ou essas coisas todas que a gente tem. Nesse tempo não, mas não era por isso que as pessoas deixavam de andar lavadas. O asseio se o quiserem arranjam-no de qualquer maneira e cabe em todo o lado.

"Antigamente toda a gente cozia a broa"

Havia muitos moinhos. Em cada barroca havia um ou dois. Havia no Espinho, havia na Mata, havia na Ribeira de Cima em todo o lado havia aqueles moinhos. Moíam a água. Há um que o arranjaram novo. Outro quando foi o ano passado ou o outro ano, fizeram as obras, arranjaram-no e deixaram-no ficar. Os outros já tudo foi embora. Também já não há moleiros. A gente tinha padarias cá, tinha moleiros, tínhamos tudo. Agora já não há nada. Em frente do moinho, passando o posto médico, aquela casa que está ali era uma moagem.

Fazia-se o pão, a broa, o pão de milho e para os animais quem os tinha. A farinha de milho era só assim para essas coisas. Mas moía-se muita farinha porque nesse tempo fazia-se muita broa. Toda a gente tinha pão de milho, coziam. Havia os fornos mesmo de cozer. A gente queria cozer a broa e ia cozer ali. Tudo se cozia. Havia sempre muita broa, o pão de milho. Cá chamava-se a broa e acho que até ainda hoje dizem. Então toda a gente tinha o pão de milho. Os do Porto vinham cá e eles gostavam bem.

Há umas formazinhas, redondas. Amassa-se o pão. A gente aquece a água, depois põe-se a farinha, peneira-se com a peneira. Aquece-se a água, depois põe-se o sal, põe-se a água e amassa-se o pão. É batido, é amassado, bem amassado e depois vai levedar. Bota-se um bocadinho de fermento e vai levedar. Depois de estar lêveda, já se anda a aquecer o forno. Quando a broa está a querer levedar começa-se a aquecer. O forno está quente, a gente vai com aquelas coisinhas, tende a broa e bota-se na pá e a pá leva o pão para o forno. Depois dá-se aquele tempo para cozer. A gente vê, de vez em quando. Quando ela já está a corar vai-se vendo e depois quando está cozida, tira-se a broa.

Havia muitos fornos. Uns coziam ali outros acolá. Nos sítios onde moravam mais perto e outras até tinham em casa, perto. Quem tinha quintais, cozia lá. Antigamente toda a gente cozia a broa. Era pela semana. Todas as semanas cozia-se a broa e ficava para a gente comer. Quem queria comer. Cada uma cozia a porção que via que era para aquela semana. A outra semana cozia outra. Era assim. Meio alqueire ou um alqueire de farinha. Conforme a família também. Havia famílias grandes e havia outras mais pequenas. Cada uma cozia a porção que era.

Uma vida difícil

Em pequena não havia telefones, não havia nada. Onde é que eram os telefones? Coitadinhos da gente. Aqui não, que eu me lembrasse desse tempo. Depois já começou a haver alguns, mas ainda eram poucos e já eu era mulher.

Vinham cá os médicos, vinham. Quando era preciso chamá-los, vinham. Vinham cá nas carroças ou em cavalos. Faziam um doente lá ir nas carroças "pia baixo"¹ para o Hospital de Arganil. Nesse tempo era assim. Agora é tudo diferente. Não se compara com o que era antigamente. O que é, naquela altura trabalhava-se e agora não querem trabalhar. É a vida.

Os do correio, coitados, eram os estafetas. Iam buscá-lo a Côja e traziam-no. Até eram umas raparigas que iam buscá-lo. Depois aqui era distribuído. Iam levá-lo aos Pardieiros, ao Sardal. Nunca deixaram de ter a correspondência. Vinham a pé de Côja para cima com aquilo.

"Aqueles despiques"

Comecei no rancho muito nova. Aí talvez aos 10, 9 por aí. Comecei muito nova e depois fui andando até ir para Lisboa.

A gente cantava muito por aí assim. Havia muitos bailes. Nesse tempo havia muitas farras. A gente em qualquer lado fazia um baile ou jogos de roda com uma flauta. Em qualquer lado fazia um baile porque havia muita rapariga. Agora não há nada.

Eram ranchos bonitos. Aquela farda que eu tenho agora até era a farda do Manjerico. Foi o último rancho, depois só ficou um. Só tenho a farda da minha neta, que eu tenho para recordação e levo para exposição. É um lenço, uma blusa branca com umas coisas de renda, uma saia preta com uma barra vermelha,

¹por aí abaixo

a condizer com o aventalinho vermelho. Um saiote por baixo com renda. Era bonito.

Aquilo pelo Carnaval é que eram aqueles despiques. Havia um em cima e outro em baixo. Depois ficou só um.

*Ai que lindo que é o manjerico,
No canteiro da tua janela.
Tem cuidado ó minha menina,
Ai dá-lhe o sol e deves ter muita cautela.
A alegria já chegou,
À nossa terra natal.
Vem da terra carioca,
Vem beijar Portugal.
Ai que linda que é a Benfeita,
Num cantinho à beira da serra.
É a rainha das terras da Beira,
Ó i ó ai e a beleza que ela encerra.*

Quando foi o dia 7 de Maio que foi a festa da Torre, choveu tanto, tanto nesse dia. O que é a gente tínhamos duas fardas. Molhou-se uma e viéramos vestir outra. Mas nunca me esquece. A gente a receber os ranchos, íamos lá em baixo trazer os ranchos e trazíamos ali para a escola. Porque a chuva era tanta que eu sei lá. E a gente cantava:

*Venham vindo meus senhores,
E povo que nos rodeia,
E está sempre ao seu dispor,
A nossa pequena aldeia.
Ai que linda que é a Benfeita,
Encantadora pela simpatia,
Foste o berço de um grande poeta,
E professor doutor José Simões Dias.*

Fomos também a Coimbra. A muitos lados:

*Coimbra tão linda,
Vem ouvir cantar,
Vem ver à janela,
Um rancho a marchar.
Com lindas canções,*

*Das nossas aldeias,
Feitas aos serões com lindos refrões quando há lua cheia.
Vim da Lapa do Penedo até ao lindo Choupal,
Coimbra maravilhosa és um jardim sem igual,
Tu tens um quadro formoso pintado em linda cores,
De onde figuram cores negras, as capas dos teus doutores.*

Serrar a velha

Na Páscoa, serrava-se a velha. Era assim: chegava ao pé de uma velhinha com uma pinha e uma cortiça, chamavam das portas para a capela de São Bartolomeu. A pessoa se gostava da farra, entrava na farra. Aquelas que não gostassem era pior. Eram as que eram mais serradas. Depois lia-se o testamento. Fazia-se um testamento da velha, a herança dela. Isso era a coisa mais gira que eu achava mais graça. Eu naquele tempo era muito judia, achava uma graça. Serrou-se a velha a uma senhora, quem estava a ler o testamento foi para cima do muro e depois lia o testamento e dizia assim:

- "Deixo à minha vizinha fulana de tal por ela ter muita vaidade, o chapéu da aba larga para passear a cidade. Ao meu vizinho fulano que é um grande mariola, para se lembrar da Lala deixo-lhe a minha viola. À minha vizinha padeira para se lembrar de mim deixo-lhe a minha dentadura para rapar a masseira."

À outra deixava-lhe a língua para ela falar na praça. Eram os rapazes, homens divertidos. A um deixou-lhe as cuecas de renda. Era assim que eram os testamentos. Nesse tempo achava tanta graça a isso. Aquelas que apareciam e entravam na farra, já não liam o testamento. Mas aqueles testamentos eram muito engraçados. Eu achava muita graça.

"As algazarras, as campainhas, as portas do forno"

Correr o Entrudo é pelo Carnaval. Uma vez houve um senhor, no Pai das Donas, que casou e antigamente, já não me lembra disso mas a minha mãe contava, usavam por baixo uns saíotes. Então ela casou e nessa noite coseu o saiote e foi para a cozinha e depois juntavam-se os rapazes daqui e os da outra povoação de onde era isso. Levavam as portas dos fornos, as campainhas dos animais isso tudo. E depois eles aqui chamavam:

- "Ó senhor fulano de tal. Foi verdade que a sua senhora no dia do casamento foi à cozinha coser o saiote e não foi consigo para a cama?"

Eles tanta vez chamavam, tanta vez chamavam até que ele veio responder:

- "Foi verdade, foi verdade."

Então batiam-se aquelas portas, aquilo tudo, as algazarras, as campainhas, as portas do forno. Era muito divertido. Havia sempre uma coisa bonita.

Enganchar às amêndoas

Pela Páscoa enganchar-se às amêndoas. A gente punha o dedo mindinho um no outro e dizia assim:

- "Enganchar, enganchar, quando eu te vir hei-de te mandar rezar."

Depois a gente quando se via mandava-se rezar um ao outro:

- "Reza."

Porque aquele que perdesse tinha que pagar as amêndoas ao outro. Depois nós, raparigas, fugíamos para o mato, para longe, onde os rapazes não podiam ir mandar rezar.

Era esta lenga lenga assim. Então andavam sempre a mandar rezar. Depois aquele que perdesse, aquela ou aquele que perdesse as amêndoas tinha que lhas dar. E comiam-nas depois todos juntos. Aquilo era uma paródia. Mas havia sempre:

- "Reza! Olha vem lá fulano, vai rezar."

Era assim. Houve sempre estas paródias.

O roubo dos vasos

Pelo Santo António, ia-se a todas as casas roubar os craveiros, os manjericos e tudo, de noite. Punha-se nas fontes das praças. Havia estas coisas todas assim, agora são coisas que já não há nada. Bem eles este ano ainda tiraram ali para a fonte da praça. Iam então tirar os craveiros, os manjericos, às janelas, aos terraços, onde podiam. Acabei com os meus, porque vinham buscar tudo ainda para as fontes. Mas era bonito. Iam para a fonte da praça e punham uma carreira para um lado, outra carreira para o outeiro, outra para outro lado e ficava então um de vigia a guardar aquilo para ninguém estragar. O que é depois tínhamos nós de ir buscar. Mas eram estas tradições, era bonito. Agora já não há nada. E eu digo, tenho saudades desse tempo. O meu filho diz:

- "Oh mãe, isso já lá vai."

Pois vai, mas são recordações que nunca acabam, porque eram muito mais. Agora já não se vê nada. É assim a vida. A gente andava por aí nos campos, cantava-se cantigas uns aos outros. Rapazes às raparigas, raparigas aos rapazes, sei lá. Agora não se vê nada. Agora está tudo mudo. Em qualquer barroca nesse tempo sabia-se bem onde andavam fulana, onde andava sicrana. Agora não.

Agora não há cá nada. É triste. Muitas morreram. Outras os pais foram para outros lados, levaram-nas, lá casaram e também já não vieram. A Benfeita teve um baile no outeiro e outro no fundo, um rancho no outeiro e outro no fundo. Havia cá gente. Hoje não há nada. A gente tinha aí comércio de tudo o que havia. Tudo. Agora não há cá nada. Tudo vai acabando. As terras também está tudo de relva. O figueiral ao pé da avenida, aquilo era milho e batatas por todo o lado e está tudo de ervas. Tudo acaba.

Tradições natalícias

Pelo Natal canta-se assim:

*Ó meu menino Jesus, ó meu menino tão belo,
Que nasceste pelo Natal numa noite de cramodelo.
Entrai pastores, entrai por esse portal sagrado,
Venham ver o Deus menino, está nas palhinhas deitado.
Venham vindo meus senhores, venham todos a Belém,
Venham ver o Deus menino que nasceu para nosso bem.*

Quando era pelas Janeiras andavam de porta em porta a cantar e a tocar. E era assim:

*Levanta-te daí senhora, desse banquinho de prata,
Venham-nos dar as Janeiras que está aqui frio que mata.
Senhora que se demora, alguma coisa nos quer dar,
Ou o toucinho é grosso, ou a faca não quer cortar,
Dê lá um fiozinho à roda do alguidar.
Levanta-te daí senhora debaixo desse caniço,
Venham-nos dar as Janeiras em honra de São Francisco.*

Aqui faz-se os cepos todos os anos. Estão a arder desde as vésperas do Natal até pelos Reis. Pinheiros, troncos grandes. Vão as camionetas aí buscar para a capela. E estão a arder toda a noite e todas as noites até aos Reis. Depois as pessoas davam chouriços de carne. Então, traziam os chouriços e as coisas e vinham para aqui assar e fazer as paródias. Era assim. Agora é que não há nada. Agora acabou tudo. Bem os cepos eles fizeram e tocaram o sino, a chamar o povo para irem aos cepos. Era assim, houve sempre estas coisas assim. Agora é que já não há nada.

"Cantava-se e dançava-se"

A procissão dos santos é a procissão de Nossa Senhora da Assunção que é o dia 15 de Agosto e há outra procissão, a festa do Santíssimo que é em Junho. Depois há a festa da Senhora das Necessidades que é em Setembro. Procissões bonitas, com música, andores, muitos andores. É bonito. Aqueles santos que estão nas igrejas, saem todos nos andores. Vão quatro homens com eles nas ruas. Os mordomos e as mordomas, nas vésperas que vai sair a procissão vão à igreja, tiram os santinhos, põem-nos no andor. O andor é enfeitado com flores em toda a volta. Depois são quatro homens e cada um pega em seu lado, ao ombro, e levam os andores na procissão. Vai a Irmandade, com a bata branca e o cabeção vermelho, e vem a música. Depois dão a volta à povoação toda.

O mordomo é o que faz a festa. São nomeados os que hão-de fazê-la para o ano. Assim os que fazem para o ano nomeiam os que hão-de fazer para o outro. O mordomo é o que dá as voltas para se fazer as festas. Depois dá a oferta. A oferta são uns tabuleiros que há grandes. Nesses tabuleiros põe-se um presunto, um leitão, um bolo, uma garrafa de uísque... Por acaso a minha neta levou um presunto, um pão-de-ló, uma garrafa de uísque, uma garrafa de vinho do porto, uma garrafa de vinho branco, um galo que levava assado, um presunto de carne fresca e um presunto dos outros e levava pêssegos. Depois quem quer lançar, lança aquilo. Vão lá, aquilo vai a leilão, quem quer comprar compra. As ofertas, todos os mordomos dão uma e há pessoas que prometem dar, por exemplo, um pão-de-ló. Mas os mordomos são quatro, todos dão uma oferta e depois, na festa ou onde for, vai a leilão e quem mais dá é quem leva. É para a festa.

Na festa dançava-se. Dançava-se muito. No areal, às vezes, era rodas por todo o lado a dançar. Vinham as da freguesia para cá quando era festa. Aquilo é que era dançar. É toda a noite. Uma vez, o padre veio cá e não deixou dançar o dia 15 de Agosto. Depois ao dia 26 foram buscar a música do Barril, aquilo é que foi dançar. Fomos a dançar até ao fundo da povoação. Ai aquilo é que era. Eu nunca me esqueço destas coisas. A música dizia assim:

- "As raparigas da Benfeita podem dançar nas pontas dos espetos."

Cantava-se e dançava-se e não havia problema. Também não havia maldades. As raparigas e os rapazes que andavam viam que não havia maldades dessas coisas.

*O lenço que tu me deste trago metido no seio
Com medo que desconfiem de onde este lenço me veio.
O lenço que tu me deste foi feito do teu cabelo
Por mais que veja e reveja nunca me farto dele.*

*Todo ele era de cambraia, o lenço que furtaste
Parece que ainda estou vendo a agulha com que o bordaste.
O lenço que tu me deste tinha um ramo em cada canto
Os ramos dizem saudades por isso te eu quero tanto.
O lenço que tu me deste tinha um coração no meio
Desde que à jura faltaste eu fui ao lenço e rasguei-o.
Juraste-me amor eterno, minha alma acreditou
Que amor eterno foi ele que tão depressa acabou?
Juraste-me amor eterno, de seres meu até à morte
Desde que à jura faltaste nunca mais hás-de ter sorte.
O meu coração é grande é o que tem valido
Se ele fosse mais pequenino
Já há muito tinha morrido.
Se eu de saudades morrer apalpa o meu coração
Talvez ele torne a viver ao calor da tua mão.
Se eu de saudades morrer que a estrela da boa sorte
Ilumine o meu caixão para que Deus me conforte.
Apertei na mão um sorriso da tua boca formosa
Quando fui a abrir a tua mão estava toda cor-de-rosa.
Eu queria ser violeta entre uma folha escondida
Por ti queria ser cortada no teu peito ser metida.
Ó violeta formosa florida no jardim
Só espero de me ver bem um dia ao pé de ti.
O cravo que me enviaste era tão lindo e morreu
Morreu queimado de beijos que tu lhe deste mais eu.*

Comércio e ofícios

Comércios havia muitos. Tínhamos duas alfaiatarias, duas barbearias, tínhamos os sapateiros, os ferreiros, os carpinteiros, tínhamos muitas, muitas mercearias. E então nesse tempo vendia-se o tecido ao metro. Em qualquer lado havia. Começava na capela até lá em baixo ao pé da igreja. A rua de um lado e do outro. Havia aí as costureiras. Agora já não há. Só a Dores e a mãe ainda fazem. Mas nesse tempo a gente levava às costureiras e as costureiras faziam como a gente queria. E nesse tempo era muito engraçado porque eu mandava fazer um vestido e era feito às escondidas para não fazerem igual ao meu, do mesmo feitio. Era assim que a gente fazia. Tempos passados. Tempos que já lá vão. Agora tudo vai acabando.

"Vinha na estrada e uma senhora vinha a conta-las"

No dia 7 de Maio, a Torre, o sino do relógio dá 1900 badaladas. Foram prometidas. Quem mandou fazer aquilo foram os Leonardo Matias. Prometeram que quando acabasse a Guerra Mundial aquela torre devia dar as badaladas... Só no dia 7 de Maio é que o relógio deu essas badaladas. Agora dá-as todos os anos, no dia 7 de Maio. Começa a dá-las às duas horas da tarde, todos os anos no dia 7 de Maio. Foi o dia em que acabou a guerra e em que se inaugurou aquela torre. Eu tenho impressão que as badaladas foi o tempo que andou a guerra, os dias em que andou a guerra.

Eu uma vez fartei-me de rir. Eu vinha na estrada e uma senhora vinha a contá-las. E diz ela assim:

- "Ah, tantas..."

- Ó minha senhora então é a Torre que está a dar as badaladas.

- "Ah, não sabia."

Vinha a contar as horas. Contou, contou... Ai coitada, podia contar toda a tarde.

Quando foi o 7 de Maio, também estava cá a música. Foi uma festa bonita. A canção do 7 de Maio é assim:

*O 7 de Maio não esquecerá,
O sino escutai-o que ele vos lembrará,
Que foi nesse dia que por toda a terra
Uma voz corria: acabou a guerra
Chorai de alegria.
Ó gente boa e amiga vem à Benfeita e verá,
Junto à capelinha antiga ouvir o Sino da Paz,
Tem o Sino da Paz e um relógio monumental.
Foi colocado na Benfeita o primeiro em Portugal.
Benfeita bendita, aldeia formosa,
Que tem Santa Rita, santa milagrosa,
E guia os teus passos pelo bom caminho,
E ligas com aços, através dos passos, um amor divino.*

Lugar *Espaços encantados*

"Eu nunca esqueci a minha terra"

A gente pode ir para muitas terras, mas a nossa nunca a esquece. Eu nunca esqueci a minha terra. Foi aqui que eu nasci, foi aqui que eu fui criada. Eu nunca esqueci. E gosto da minha terra. Veio uma vez um homem, não era de cá, era do Fundão. Eu ainda era muito nova, devia ter talvez os meus 14 anos ou 15 e andava um baile numa casa adiante. Havia umas arcas muito grandes, antigas, onde punham os milhos nesse tempo. E o homem subiu para cima dessa arca e cantou uns versos:

Benfeita terra querida, cercada de pinheirais e pálidos olivais sobre montes verdejantes

Benfeita terra querida, tens doutores e estudantes,

Ai Benfeita, mas que linda terra és,

Deixa-me beijar teus pés, Benfeita meu ideal.

Digo que em todo Portugal não há terra mais formosa e um povo tão leal.

Sim, Benfeita terra do meu ideal.

À noitinha junto às fontes, segredam os namorados.

Os rouxinóis nos silvados, soltam as suas melodias.

De manhã ao romper da aurora saúdam-te as cotovias.

Ai Benfeita, mas que linda terra és,

Deixa-me beijar teus pés, Benfeita meu ideal.

Digo que em todo o Portugal não há terra mais formosa e um povo tão leal.

*Benfeita terra ditosa, com rosas e violetas tem canções e tens poetas,
Tens serenatas ao luar.*

Ai Benfeita, mas que linda terra és,

Deixa-me beijar teus pés, Benfeita meu ideal.

Digo que em todo o Portugal não há terra mais formosa e um povo tão leal.

Ainda sei o nosso hino nacional todo:

*Heróis do mar nobre povo
Nação valente imortal.
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal.
Entre as brumas da memória
Ó pátria sente-se a voz
Dos teus egrégios avós
Que há-de guiar-te à vitória.
Saudai o sol que desponta
Sobre um ridente provir
Seja o eco de uma afronta
O sinal do ressurgir.
Raios dessa aurora forte
São como beijos de mãe
Que nos guardam, nos sustém
Contra as injúrias da sorte.*

Depois é às armas. Depois é:

*Desfralda invicta bandeira,
À luz viva do teu céu.
Brade a Europa à terra inteira:
Portugal não pereceu
Beija o solo teu juncundo
O oceano a rugir d'amor,
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!
Às armas, às armas,
Sobre a terra e sobre o mar.
Às armas, às armas,
Pela pátria lutar.*

Estas partes são dos nossos descobridores, quando andaram ao mar.

Estradas antigas

Cá havia aquelas estraditas velhas, que ainda há por aí, e havia cá três fábricas de fósforos. Era daqui que o país era fornecido de fósforos. Os fósforos eram acartados lá para baixo, para a estrada que vai para a Cerdeira. Não era a estrada que é agora. Era uma estradita. Eram então acartados para aí por cavalitos e carroças e aí é que eram carregados para irem embora. Era só estraditas pequenas, não havia nada. Depois é que se começaram a fazer. Começaram então a abrir a estrada desde esse sítio até ao cimo. Então é que começaram a fazer isto. E aqui há uns anos é que se fez aquela avenida que ainda foi o doutor Mário Matias que fez.

"Cá de Verão é bonito"

Há a Fraga da Pena. De Verão é que é lindo. Tem mesas, para lá lanchar. Aí há a queda de água.

Na Benfeita há uma piscina fluvial, linda. Há o campo da bola. Aquilo é bonito. Ao pé da Liga. Havia para aí gente como milho este Verão passado. Vieram cá os meus netos. Eu tenho dois netos. Um é mais pequeno e o outro maior. Depois dizia-lhes assim:

- Vão ver a piscina...

Eles botaram trutas na piscina grande. Há uma piscina grande para os grandes e há uma pequenina para as crianças.

- Olha cá em baixo vêem as trutas, lá em cima no gradeamento vêem as lontras.

Eles olhavam para mim e riam-se. Não sabiam o que era. É quando elas lá se deitavam só em biquíni em cima nas grades. Eu assim para eles.

Cá de Verão é bonito. Porque há cá muita gente. Vêm de Lisboa, de todo o lado. Agora cada um anda na sua vida. Mas venham cá que é bonito. A Benfeita é bonita.

"Não há uma igreja tão bonita como a nossa"

Há aqui a Nossa Senhora da Assunção e a Nossa Senhora do Rosário. Há ali a capela de Santa Rita e a capela do Senhor dos Passos e a Senhora das Dores. A Torre está entre essas capelinhas. Há a Senhora das Necessidades. É lindo. É lá em cima. É uma festa em Setembro. É muito bonito. A minha neta também foi mordoma da Senhora das Necessidades. Está também a Nossa Senhora da Guia. Estão lá muitas santinhas. Tem lá outra capelinha que é a de São Bartolomeu. E

há a igreja lá em baixo. De Coimbra para cima, não vamos dizer uma igreja, mas em pequeno ponto, não há uma igreja tão bonita como a nossa. É bonita.

"Serenatas de Coimbra"

A Fonte das Moscas é de um lado. Quando eu nasci já era a Fonte das Moscas, mas lá já não há moscas. É uma fonte bem bonita e era para onde os nossos estudantes, que eram poucos noutra tempo, iam fazer as serenatas deles de noite. De noite cantavam e a gente acordava com eles a cantarem a serenata. Uns cantavam, outros tocavam. Eram serenatas de Coimbra. Eles iam para o outro lado cantar de noite. E a gente ouvia e acordava. Ou se estivéssemos a dormir ou se andássemos por aí, ouvia-se. Era bonito. Agora já não há nada. Agora é tudo mole.

Centro de Dia

Eu gosto muito das mulheres do Centro de Dia que cá vêm. Todas elas. Vêm cá todas, ora vêm umas, ora vêm outras. Gosto muito delas. São muito boas raparigas e trabalham e eu gosto do trabalho delas. Elas já sabem que comigo nunca houve, nem há problemas. Ora eu também sou sozinha pouco sujo. Há divisões que eu a bem dizer nem vou. Há um quarto nem vou. É mais o meu quarto, a casa de banho e na sala é que faço mais lixo.

O meu marido já morreu há 17 anos e eu já fui para o centro nessa altura. Já há bastante. Mas agora vão fazer o lar. Vai começar o lar. Está bem! Eu acho que sim. Eu gosto também do lar, mesmo que não seja para mim, é para quem cá fica.

Liga de Melhoramentos

A Liga dos Melhoramentos é uma Liga que pode ser para casamentos, para baptizados, para o que quiserem fazer lá. Está sempre pronta para qualquer destes benefícios que seja preciso. O que é muitas vezes abandonam-na. Não querem assim muito saber. A Liga já teve vários presidentes, porque já tem muitos anos. Tem os seus sócios. O meu marido também era sócio. Tem os seus sócios que descontam para lá, porque, às vezes, também é preciso fazer obras. Lá há tudo. Há mesas, há tudo lá. Uma pessoa chega ali, quer fazer um almoço ou quer fazer um jantar, há louças e tudo. A Liga de Melhoramentos é para estes benefícios. Há muita gente que não tem casas e também não vão "pia baixo"² para os almoços

²por aí abaixo

e jantares de casamento. Vêm ali comê-los à Liga. Dá para bailes, para teatros para quem quiser fazer.

Quotidiano *"Agora só cultivos os bocadinhos"*

Levanto-me de manhã, abro a cama para trás, lavo-me, depois vou beber o café. Depois de beber o café ando por casa. Lavo alguma roupa. Chega-se a hora e vou ao centro. Depois vou do centro para casa, sento-me a ver a televisão ou a dar uns pontinhos. Entretenho-me assim. Já não faço rendas. Fiz muitas rendas, muitas lãs, muitas mantas de bocados. Fiz muitas coisas dessas. Agora também a minha vista já não dá para isso. Mas debruo muita coisa. Porque gosto de estar entretida. Às vezes, as raparigas até dizem:

- "Ah, esta mulher o que ela faz."

Agora só cultivos os bocadinhos que tenho. Semeio umas alfaces, uns feijões, assim isso. Porque também já não posso fazer. Agora já há muito tempo que não faço nada. Até cá em casa vêm as mulheres do centro limpar. Não posso. Há dias que nem vestir-me posso e lavar-me. O que é se for preciso elas lavam-me e vestem-me. Porque muitas das vezes não é só a idade, são as doenças que a gente tem. Então a dos ossos, já se sabe o que é.

Sonhos *"Os sonhos eram quando era nova"*

Agora já não há sonhos. Nestas idades os sonhos já acabaram. Os sonhos eram quando era nova, agora já não há sonhos. O sonho que eu tinha, já não digo saúde, mas um bocadinho menos de dores, que agora nem na cama posso estar. Quero estar deitada e não posso estar. Não preciso de mais nada, só precisava era de saúde. Era ter saúde. Não tenho. Ninguém ma pode dar. Até se ela se comprasse já ma tinham comprado. Não se pode.